

LIVRARIAS E EDITORAS NO RIO GRANDE DO SUL: O CAMPO EDITORIAL DO LIVRO DIDÁTICO

Eduardo **Arriada** – PPGE/FAE/UFPeI

Resumo:

Neste artigo, investiga-se a estruturação do sistema editorial do Rio Grande do Sul, procurando elaborar um levantamento das principais casas editoriais e tipografias que funcionaram no Estado. Dentro desse contexto, a centralidade encontra-se em procurar “mapear” aquelas que se notabilizaram pela produção de textos escolares. A produção de livros didáticos no Rio Grande do Sul, como de resto no Brasil, solidificou-se no século XIX. Foi a partir da década de 80 daquele século que houve, nesta região, a provincialização da produção, da distribuição e, principalmente, da adoção de textos escolares. Nesse processo duas casas editoriais tiveram um papel fundamental, a Livraria Americana de Carlos Pinto, fundada em 1871, na cidade de Pelotas, e com filial em Porto Alegre (1879), e Rio Grande (1885); e a Livraria Universal de Carlos e Guilherme Echenique, fundada em 1887, em Pelotas, e com filial em Porto Alegre (1891), e Rio Grande (1908). Alicerçado nos pressupostos teóricos-metodológicos da nova história cultural, procura-se salientar o papel desempenhado pelos livros, não apenas pelo potencial enquanto documento, mas também, como objeto carregado de significações.

Palavras chaves: livrarias e editoras, livros didáticos, Rio Grande do Sul.

Introdução

A nova história cultural nos últimos anos tem ampliado o leque de temas que podem constituir-se em objeto de pesquisa na área da história da educação. Entre os “novos objetos”, encontra-se o livro. O livro pode ser analisado sob diversos olhares, tanto como mercadoria, como objeto cultural carregado de significações, como também, elemento constitutivo de determinada sociedade, seu formato, seu conteúdo, sua circulação, apropriação, interessam uma gama cada vez maior de historiadores.

O mapeamento dos livros didáticos produzidos pelas editoras do Rio Grande do Sul nem sempre foi fácil, particularmente aqueles publicados no século XIX. Sabemos o enorme desprestígio atribuído aos livros didáticos. Embora com altas tiragens, no geral não são encontrados nas bibliotecas, arquivos, institutos históricos, ou

em acervos de bibliófilos. Choppin (2002) alertava que a familiaridade dos contemporâneos, as grandes tiragens, e o pouco valor econômico acabavam relegando os livros didáticos a uma brutal desvalorização e conseqüentemente a sua destruição. O pouco interesse demonstrado pelos manuais decorre não somente das dificuldades de acesso as coleções, mas também de sua incompletude. Devido a grande quantidade de sua produção, a conservação não foi assegurada. Desse modo, para o presente artigo procuramos trabalhar com os próprios exemplares, só eventualmente nos valendo dos catálogos, jornais e almanaques.

A tentativa deste texto é investigar a estruturação editorial do Rio Grande do Sul, procurando elaborar um levantamento das principais casas editoriais e livrarias que funcionavam no Estado. Dentro desse contexto a centralidade encontra-se em procurar “mapear” a produção de livros didáticos.

Diversas dessas casas editoriais buscam disputar ou ao menos produzir livros na tentativa de quebrar o domínio das grandes editoras do centro do país. Entre elas salientamos a Livraria Americana (1871-1916), e a Livraria Universal (1887-1929), ambas com matriz em Pelotas, e filiais em Porto Alegre e Rio Grande.

As grandes editoras do Brasil: a Garnier e a Laemmert

No século XIX, a forte influência da França fazia-se presente nas elites brasileiras. Grande parte da circulação, distribuição e edição de livros e revistas no país, cabia aos franceses. O comércio livreiro ainda era incipiente, e apenas nas grandes cidades florescia a venda, circulação e publicação de livros. Nessa época, livraria tinha um significado mais amplo do que o atual, não apenas vendiam livros, como ao mesmo tempo era local onde se comercializavam outros produtos. Livraria nesse século significava um local em que além dos livros, vendiam-se diversos outros produtos: artigos de papelaria, tintas, porcelana, chás, tecidos, cadernos, etc.

O seguinte anúncio é esclarecedor desse contexto: “estabelecimento de miudezas, livros para instrução, jurisprudência, recreio; em branco para escriturações de todas as qualidades; papel de todas as qualidades, vidros para vidraças, diamantes para cortar vidros. No estabelecimento de Rodolfo José Machado. Rua dos Andradas nº 447, Porto Alegre” (ALMANAK para 1874).

Na década de 50, as livrarias multiplicam-se na Corte, demonstrando a existência de um público ávido de novidades. Em 1851, o Rio de Janeiro já possuía

treze livrarias, quase todas situadas na Rua do Ouvidor e da Quitanda. Em 1859, eram 16 (HALLEWELL, 1985).

Representativo dessa cultura eram as diversas livrarias francesas estabelecidas no Brasil. A Rua do Ouvidor, centro cultural do Rio de Janeiro congregava diversas delas, com certo aspecto parisiense, lembrando em certos aspectos a Rua Vivienne de Paris. Nas “Memórias da Rua do Ouvidor”, Macedo (1820-1882), descreve que entre as diversas livrarias, salientavam-se: Villeneuve; Garnier; Cremière; Firmin Didot. Além de fazer referência as livrarias nacionais e francesas, descreve o papel importante que tinham os alfarrabistas, entre outros, nesse papel teve relevância Albino Jordão, “vendia em geral obras já usadas, livros de segunda mão, e portanto baratíssimos” (1878: 238). Um público consumidor desses “livros de segunda mão”, eram os estudantes do Imperial Colégio de Pedro II, que “deram ao vil belchior de livros velhos estabelecido na vizinhança daquele colégio da Rua S. Joaquim, nome um pouco obscuro que a princípio se estendeu a todos os chamados hoje alfarrabistas” (1878: 238).

Ainda indicava pelo papel desempenhado, a Livraria Louis Mongie: “a sua livraria muito rica de obras vendidas a preço que não o prejudicava, mas não aturdiava o comprador, foi preciosa fonte de civilização, e era freqüentada pelos homens de letras e pelos cultivadores das ciências, que achavam nela os melhores livros de publicação recente” (1878: 300). A loja de livros de Mongie, segundo Macedo: “foi a mais considerável do seu tempo” (1878: 301).

Das diversas livrarias estabelecidas no Brasil no século XIX, a Garnier, e a Laemmert tiveram uma relevância na publicação, venda e circulação de livros. A Garnier localizada na Rua do Ouvidor teve um papel fundamental na edição de livros, mormente quando Baptiste Luis Garnier, resolveu transferir-se para o Brasil em 1844. Além de competência, organização e conhecimento do ramo, B. L. Garnier, como ficou conhecido, editava e vendia de tudo.

Quanto a Laemmert, estabelecida no Brasil antes da Garnier, teve sua origem na agência conjunta aberta por Bossange e Aillaud em 1827. Funcionário dessa casa na França, Eduard Laemmert é enviado ao Brasil para em conjunto com Souza representante da J. P. Aillaud, abrirem uma filial no Rio de Janeiro. Terminando o contrato dessas firmas em 1833, E. Laemmert por conta e risco permanece no país. Vindo a casar com uma distinta moça de família rica, e usando suas modestas economias, funda a sua própria livraria, a Livraria Universal Laemmert, posteriormente

em 1838, em sociedade com o seu irmão, Heinrich, rebatiza a firma com o nome de E. & H. Laemmert”. De acordo com Kidder e Fletcher, a tipografia mais adiantada é a dos irmãos Laemmert, na Rua dos Inválidos (1941, Vol. 1º: 291).

Conforme petição encaminhada ao Gabinete do Ministério do Império, B. L. Garnier declarava que “tem sido o editor da maior parte das obras científicas, literárias e elementares da instrução pública que existem no país”, além de “muitos autores de diversas obras”, e “compêndios para a instrução pública” (HALLEWELL, 1985: 125).

A quase exclusividade dos livros didáticos editados estava voltada para o ensino superior. Quanto à instrução secundária, ainda constituída mais por “aulas avulsas” e alguns poucos seminários, quase nada era publicado. Em 1850, Kidder e Fletcher (1941, Vol. 1º: 278), percebem em sua visita ao Brasil a “grande falta de livros didáticos”, e que os mesmos sejam adaptados à realidade local, o desejo deles era: “contemplar bons compêndios nas mãos das crianças brasileiras”.

Com as publicações da Garnier e Laemmert essa realidade irá mudar. Diversos foram os livros didáticos editados por essas duas firmas, grande parte dos manuais, compêndios, seletas, gramáticas, dicionários, etc. foram por elas editados ou vendidos. Além disso, conforme leitura dos catálogos, essas duas casas distribuíam por todo o Brasil, uma enormidade de livros: romances, revistas, poesias, livros técnicos, didáticos, religiosos, tanto em português, como em outras línguas.

Fundada em 1838, com o nome de E. & H. Laemmert, essa razão social existiu até 1891, quando pela nova organização dos sucessores (Eduardo tinha falecido em 1880 e seu irmão Henrique em 1884) passa a chamar-se Laemmert & Companhia.

Uma leitura atenta do Catálogo da Editora Garraux de 1883 demonstra como essas duas casas editoriais dominavam o mercado livreiro. Uma parte do catálogo denominada “Seção portuguesa” conta aproximadamente com 7.500 itens, dos quais 50% trazem sinetes editoriais do Rio de Janeiro. Destes, as publicações da Garnier constituem quase a metade e as da Laemmert pouco mais de um terço. Abaixo surge Serafim José Alves, com 6%, depois Nicolau Alves com 4%. Outras firmas que aparecem como: Guimarães, Leuzinger, Cruz Coutinho e J.P. Pereira Dias, as únicas outras firmas que aparecem, surgem com cerca de 2% cada uma (HALLEWELL, 1985: 165).

Diversos desses textos didáticos seriam profusamente utilizados pelos Colégios brasileiros, muitos deles sendo indicados para uso do Imperial Colégio de

Pedro II, assim como de alguns liceus provinciais, caso por exemplo, do Liceu D. Afonso, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, entre eles, salientamos: Burgain, Sevène, Ottoni, Feliciano de Castilho, Pompêo, Fernandes Pinheiro, Motta d'Azevedo.

Primórdios da editoração no Rio Grande do Sul: as tipografias

A maior parte das editoras no século XIX quanto à editoração de livros, dedicam-se as mais variadas áreas, em geral, obras de cunho literário, ciências humanas e obras de cunho científico, subsidiariamente editam obras didáticas, realidade que aos poucos vai mudando. Temos alguns exemplos de editoras voltadas quase que exclusivamente para o campo editorial didático, caso, por exemplo, das editoras: Rodolfo José Machado, Selbach, Rotermund. Uma das razões prende-se ao processo de escolarização, que ocasiona um aumento significativo de livros escolares. O mesmo passa a garantir lucro certo para as editoras, em particular, aqueles aprovados pelo conselho da instrução pública.

Antes, porém do estabelecimento e funcionamento de uma rede editorial voltada exclusivamente ou parcialmente para a edição de livros didáticos, na falta desse material para uso das escolas, algumas tipografias tentavam suprir essa necessidade. Temos o registro de algumas delas editando material didático, por exemplo: *Compêndio aritmético ou tabuada curiosa para os meninos, onde se explica em diálogo os principais fundamentos de aritmética, e outras coisas necessárias*. Impresso para Thomaz Ignácio da Silva, professor de primeiras letras, francês, inglês. Porto Alegre: Tipografia do Diário de Porto Alegre, 1827 (24 p.); *Compêndio de gramática da língua portuguesa* por Isidoro José Lopes. Rio Grande: Tipografia de Isidoro José Lopes, 1834; *Epítome da Gramática da língua nacional*, por Manoel dos Passos e Figueiroa. Porto Alegre, 1834; *Compêndio de gramática da língua nacional dedicado à mocidade rio-grandense por seu patricio Antônio Álvares Pereira Coruja*. Porto Alegre: Tipografia de V.F. de Andrade, Rua da Ponte, 1835 (68 p.); *Exposição dos elementos d'aritmética para uso dos estudantes do Colégio de S. Bárbara na cidade de Pelotas*. Pelo Diretor do mesmo Colégio A. L. Soares. 1º Volume do curso de instrução primária. Pelotas: Tipografia de

L. J. de Campos, Rua do Comércio nº 9, 1848 (270 p., 8 estampas)¹; Resumo de História Universal composto para uso dos estabelecimentos de instrução secundária da Província de São Pedro, e oferecido à mocidade estudiosa da mesma pelo professor Karl Von Koseritz. Pelotas: Tipografia de Luís José de Campos, 1856 (58 p.). Nessa obra, o autor faz a seguinte advertência:

O presente resumo, que hoje entrego as mãos do público, foi composto para uso dos meus alunos no Colégio União, estabelecido nesta cidade: observando porém a extraordinária falta que faz aos mais estabelecimentos de instrução secundária da Província, um compêndio qualquer de História Universal, decidi-me a fazer sair à luz este insignificante trabalho, querendo assim ajudar aos respectivos Senhores Professores na sua, mais que árdua tarefa, de ensinar a História Universal sem compêndio português algum.

Fica evidente a enorme ausência de compêndios para uso tanto dos professores, como seus respectivos alunos. Na falta de uma editora, as pequenas tipografias, certamente pressionadas pelos autores preocupados com o ensinar, ou quem sabe, num gesto de desprendimento, editavam pequenas edições tão necessárias e vitais para o uso na sala de aula.

Se o número de obras didáticas publicadas pelas pequenas tipografias não chega a ser expressivo, não podemos afirmar que eram irrelevantes ou casuais, ao contrário, até o presente momento de nossa pesquisa, quase podemos afirmar que essas edições comprovam que existia um razoável mercado consumidor. Vejamos outras obras: *Crestomatia Brasileira* adotada pelo Conselho da instrução Pública da Província para o uso nas classes da leitura e análise por Francisco de Paula Soares e Carlos Hoefler professores. Porto Alegre: Tipografia Brasileira-Alemã, 1859 (272 p.); *Redução ou comparação de alguns pesos e medidas estrangeiras com as brasileiras, seguida das instruções e tabelas*. Luiz Vieira da Costa. Rio Grande: Tipografia do Diário de Antônio Estevão, Rua da Praia, sobrado nº 53, 1859 (20 p.); *Geografia Elementar e Metódica do Brasil* por José Vicente Thibaut. Rio Grande: Tipografia do Echo do Sul, 1862 (128 p.); *Compêndio da Gramática Portuguesa* composto pelo professor particular Frederico Ernesto Estrela de Vileroy e adotado para uso das Escolas da Província do Rio Grande do Sul, pelo respectivo Conselho Diretor da Instrução Pública. Porto Alegre: Tipografia do Rio-Grandense, Praça da Alfândega, nº 4, 1870 (80 p.); *Aritmética Comercial* por

¹ Trata-se do primeiro livro impresso em Pelotas, inclusive anterior ao estabelecimento dos primeiros jornais. Autor: Antônio Luis Soares, militar português. O proprietário da tipografia é Luiz José Campos.

Francisco José de Matos Abreu. Rio Grande: Tipografia do Artista, 1883 (237 p.); Compêndio de Geografia do professor R. H. A. Daniel sobre a 112ª edição e adaptada ao português por Arno Ernst. Rio Grande: Tipografia do Artista, 1884 (176 p.).

De acordo com o Almanak Pelotense (1862), funcionavam os seguintes estabelecimentos tipográficos na cidade de Pelotas: Jornal de Pelotas, Rua da Palma, propriedade de Pedro Bernardino de Moura; Noticiador, Rua Alegre, propriedade de Luis José de Campos; Álbum Pelotense, Rua da Igreja, propriedade de Joaquim Ferreira Nunes.

Quanto à cidade de Rio Grande, segundo o Almanak administrativo e comercial para 1874, temos os seguintes estabelecimentos tipográficos: Diário do Rio-Grandense, do proprietário Antônio Estevão & Cia; o Echo do Sul, de propriedade de Pedro Bernardino de Moura; Comercial, de Francisco de Paula Cardoso; Artista, de Antônio da Cunha Silveira.

Porto Alegre

Entre as primeiras livrarias de Porto Alegre, podemos apontar a Livraria Joaquim Alves Leite:

Joaquim Alves Leite. A mais antiga e bem montada casa na Província de livros de instrução em todas as línguas, de jurisprudência, direito pátrio e estrangeiro, economia política, administração, comércio, colonização, política, direito constitucional, diplomacia, estradas de ferro, indústria, romances e poesias dos melhores autores; Mapas e globos geográficos, tanto celestes como terrestres etc.; Grande sortimento de papel de todos os formatos e qualidades; Envelopes grandes e pequenos de todos os formatos para cartas e ofícios; Músicas impressas e papel para copiá-las e escolhido sortimento de objetos para escritório. Bolsas para viagem e a tira-colo, ponchos e piononos impermeáveis e perneiras também impermeáveis e de verniz, para chuva ou viagens, chapéus de pelo de seda copa alta, chapéus de sol de seda superior e outras muitas miudezas de especialidades. (Anúncio)².

Fundada em 1850, a Livraria de Joaquim Alves Leite localizada na Rua dos Andradas nº 224, dedicava-se a venda de diversos produtos, entre eles, livros. Sua presença desde cedo se fez notar, com grande marketing, em diversos almanaques

² Almanach Rio-Grandense instructivo, recreativo, noticioso e commercial para 1883. Porto Alegre: Typographia Deutsche Zeitung, 1882, p. 295.

anunciava os seus produtos, como ainda nos livros vendidos eram colocadas imensas etiquetas, que ainda hoje são encontradas em livros do século XIX.

Outra antiga Livraria era a de Madame Marcus, sobre a qual Aquiles Porto Alegre deixou a seguinte observação:

Conheci-a estabelecida com livraria no pavimento térreo da Rua de Bragança, à esquina da Alegria. Eu era seu vizinho, e, amante dos livros, muitas vezes visitei a sua livraria, que, valha a verdade, não passava de um modesto “sebo”. A livraria de Madame Marcus era muito freqüentada por estudantes, que iam lá mais para vender que para comprar livros. O velho Dumas e Ponson Du Terrail eram os seus autores do peito, sem deixar de ler todos os demais romancistas que tocavam pelo mesmo pito. (1921: 91-92).

O Almanak administrativo, comercial e industrial para 1874, registrava as seguintes lojas de papel, livros e objetos de escritório: Joaquim Alves Leite, Rua dos Andradas nº 224; José Vieira de Faria Filho, Rua dos Andradas nº 244; M. Marcus, Rua dos Andradas nº 178; Rodolfo José Machado, Rua dos Andradas nº 447. (1875: 212).

Nesse ano, de acordo com o mesmo almanaque, funcionavam as seguintes litografias, a de Emílio Wiedmann, Rua dos Andradas nº 216, e a de Joaquim Alves Leite, na mesma rua, número 224. As tipografias estabelecidas eram: a do Jornal do Comércio, Rua dos Andradas nº 225 a 229; Deutsche Zeitung, Rua Barão do Triunfo; Rio-Grandense, Praça da Alfândega; Reforma, Barão do Triunfo; Constitucional, Rua 7 de Setembro; e a Mercantil, Rua Conde d’Eu nº 10. (1875: 226-227).

A Livraria de Rodolfo José Machado, estabelecimento fundado em 1854³, em diversos reclames anunciava a venda de seus produtos: “Este estabelecimento tem sempre grande sortimento de livros colegiais e acadêmicos, adotados no ensino primário, secundário e superior, bem como coleções de Atlas de Geografia, globos terrestres e todos os demais objetos necessários ao ensino”.

Ocupando um lugar privilegiado na Rua dos Andradas, prédio assobradado com vasto suprimento, a Livraria Editora Rodolfo José Machado, editou diversas obras de caráter didático, alguns dos autores editados, viraram verdadeiros “Best-sellers” caso, por exemplo, de: Primeira e Segunda Aritmética de Souza Lobo, que em 1888 já

³ Conforme informe nas páginas finais do livro Geografia Elementar organizada por José Theodoro de Souza Lobo, adotada nas aulas públicas do Estado do Rio Grande do Sul. 4ª edição. Porto Alegre: Editor-Proprietário Rodolfo José Machado, 1896.

alcançava 13^o edições; *Seleção em Prosa e Verso*⁴ de Alfredo Clemente Pinto que atingiu a enorme marca de 55^o edições; Gramática portuguesa de Bibiano Francisco de Almeida; Compêndio de gramática portuguesa de Frederico Ernesto Estrela de Villeroy; Geografia Geral de Vasco de Araújo; Nova Gramática Inglesa e Primeiro livro de leitura inglesa de Frederico Fitzgerald; História do Brasil e Compêndio de Geografia Elementar de João Von Frakenberg; Elementos de Corografia do Brasil de Henrique Martins, e muitos outros conforme consta das listas nas contracapas dos livros editados.

A Livraria Americana⁵ é nesta época segundo Gouvêa (refere-se aos anos 20) uma importante casa editorial, e seus primeiros donos, Pinto & Cia., “inscrevem-se no rol dos raros pioneiros da edição de livros no Rio Grande do Sul. Por anos a fio, publicaram eles, com bastante regularidade (fato excepcional naqueles tempos em terras gaúchas), obras de diferentes gêneros literários, inclusive uma coleção de romances em formato livro-de-bolso” (GOUVÊA, 1976: 25).

Nesse período, Meyer era um dos contumazes freqüentador da livraria, principalmente de olhar e namorar os livros expostos nas vitrines.

Venha daí comigo, a examinar a parte baixa da quadra, onde passa a Rua da Praia. Aqui mesmo, em frente do Café Colombo, achava-se instalada a Livraria Americana, e na vitrina da Ladeira quantas vezes namorei os livros expostos, coçando desconsoladamente o forro do bolso! *A volta ao mundo por dois garotos* vizinhava com Júlio Verne e os contos de Andersen, edição Garnier, percalina vermelha, douração vistosa, gravuras tão sugestivas. Como era triste aquela *Virgem das geleiras*, lida ao pé do fogão, na cozinha da nossa velha casa da Praça da Matriz [...]. Mas ao lado, entre tabelas de câmbio e compêndios, o chamariz de um título perturbador me fígava os olhos: Mundo, diabo e carne, brochura suspeita... (MEYER, 1996: 148).

Hallewell aponta a Americana e sua série Biblioteca Econômica, de baixo preço e formato de bolso, como as responsáveis pela pirataria das edições que são feitas no Brasil no final do século XIX e início deste século. A Livraria Americana imprimia toda a sorte de livros sem autorização dos editores legítimos e sem pagar direitos autorais; assim são feitas as traduções de Bourget, Alphonse Daudet, Dostoievski, irmãos Goncourt, Paul de Koch, Maupassant, Sacher-Masoch, Turgeniev e Zola (1985: 170).

⁴ A primeira edição dessa obra data de 1884. Até a 14^o edição (1904), essa obra foi editada pela Livraria de Rodolfo José Machado, não sendo possível precisar quando deixou de ser publicada por essa editora, em 1913 (25^o edição), já encontramos sendo editada pela Livraria Selbach & Cia.

⁵ Filial dos editores Carlos Pinto & Cia. A matriz estava localizada na cidade de Pelotas.

O memorialista Aquiles Porto Alegre deixou um vasto depoimento sobre as atividades da Livraria Americana, fundada em 1879 (filial de Porto Alegre): “nesse tempo era um casarão acaçapado de beiral, apropriado para armazém, com cinco portas para a Rua dos Andradas, e uma para a Ladeira. Esta é uma das cinco, quando se estabeleceu a livraria, foram transformadas em vitrinas”. Nos fundos da livraria, o seu proprietário Carlos Pinto estabeleceu a tipografia, que “não só imprimia os livros que a casa editava, como um sem número de pequenos hebdomadários, que naquele tempo enxameavam na cidade” (1922: 88).

O Guia Reboli, Tio & Cia, para o ano de 1898/99, arrolava as seguintes livrarias em Porto Alegre: Antônio José da Silva, Andradas 261; A. Mazzeron, Andradas 168; A. Graether, Andradas 527; Emílio Wiedmann & Filho, Andradas 365; Echenique & Irmãos, Andradas 445; Gundlach & Cia, Andradas 500; João Mayer Júnior & Cia, Mal. Floriano 100; Laudelino P. Barcellos & Cia, Andradas 272; Carlos Pinto & Cia, Andradas 363; Rodolfo José Machado, Andradas 340; Vieira & Cia, Andradas 378. (p. 272).

Podemos afirmar que a Rua Andradas concentrava maciçamente as grandes livrarias de Porto Alegre.

Nos anos 20, a capital contava com importantes livrarias, destacando-se diversas delas, tanto pela comercialização de livros e outros produtos, como, pela freqüência e assiduidade de diversos intelectuais e escritores.

A Livraria Selbach & Cia., fundada em 1908, sucessora de Selbach & Mayer, contava com livraria, papelaria, encadernação e pautação. Além disso, fabricava cartonagem, livros em branco, assim como vendia máquinas de costura (modelo Gritzner), lampiões, miudezas e objetos de culto⁶.

Esta casa editorial foi fundada em 1888 por João Mayer Júnior, a qual se associou, em 1903, Jacob Selbach Júnior, constituindo a firma Selbach & Mayer. Em 1907, falecendo Jacob Selbach Júnior, assume a sua parte seu filho Afonso Selbach. Retirando-se em julho de 1910 o sócio João Mayer Júnior, a casa passa a adotar apenas o nome de Afonso Selbach, até 01 de abril de 1911, quando incorpora como sócio José Rodrigues da Fonseca, passando a denominar-se Selbach & Cia. Trabalhando em prédio próprio, a firma além da Livraria, edita diversas obras, principalmente livros escolares adotados nas aulas públicas do Estado do Rio Grande dos Sul, Santa Catarina, Paraná,

⁶ AZAMBUJA, Graciano Alves de. Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o ano de 1913, p. 378.

São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. Além dos demais artigos concernentes a livraria, como objetos para escritório e utensílios escolares, tem a casa objetos para o culto católico, miudezas, artigos de bazar, máquinas de costura e pertences para as mesmas. Dispõe de 35 empregados, sendo 21 homens e 14 mulheres. As mercadorias são vendidas no interior do Estado e nos Estados de Santa Catarina e Paraná por empregados viajantes. A casa está situada à Rua Marechal Floriano, 92 e 94, importa a maior parte das mercadorias da Alemanha e França; mas compram também da Inglaterra, Áustria, Itália e Suíça. (LLOYD, 1913: 816; PIMENTEL, 1945: 339).

Em 1913, por ocasião do falecimento do sócio Afonso Selbach, foi a partir de 1917, organizada nova firma, sob a razão social de J.R. da Fonseca & Cia. Dividida em várias seções, sendo principais as que se referem à livraria, papelaria, artigos para escritório, máquinas de escrever, e artigos para igrejas, ramo no qual se destaca, sendo muito procurada pelo clero rio-grandense. Diversas obras didáticas foram publicadas por essa editora, tais como: Seleta em Prosa e Verso e Primeiras Noções de Gramática de Alfredo Clemente Pinto; História do Rio Grande do Sul por João Maia; Gramática da Língua Inglesa de Frederico Fitzgerald. Editou muitas obras em língua alemã. De acordo com Alfredo Costa, foi também editado um resumo dos “Os Lusíadas”, para uso das escolas secundárias, assim como uma grande quantidade de livros para a escola primária, como sejam, Cartas de ABC, Cartilha Maternal pelo método João de Deus, tabuadas, etc. Edita, também, toda classe de mapas, destinados, especialmente as escolas públicas, cadernos, etc. (COSTA, Vol. I, 1922: 290).

A Livraria João Mayer Filho, também conhecida como Livraria do Centro⁷, estava localizada na Rua Marechal Floriano, com papelaria, objetos de escritório e livros de devoção em diversos idiomas, segundo Paulo Gouvêa, a maior parte de seus clientes “compunha-se de estudantes do Anchieta, do Seigné, do Bom Conselho e do Colégio da Professora Cecília Courseuil Du Pasquier”. Entre outros livros de caráter pedagógico, editou: Livro d’exercícios para aprender a língua alemã para o uso das alunas das Irmãs de São Francisco no Estado do Rio Grande do Sul, Tipografia do Centro, 1902; Gramática elementar da língua alemã de Pedro Schneider, Mayer Junior – Tipografia do Centro, 1914; Primeiro livro de leitura para uso das escolas teuto-brasileiras de Rudi Schäfer, 1935; Leitura escolar alemã de Agostinho

⁷ Conforme anúncio no Empresa de Guias Ilustradas, Reboli, Tio & Cia, ano 1898-99, Seção Rio Grande do Sul, Montevideo, p. 190. Livraria do Centro de João Mayer Junior & Comp. Livros escolares, de devoção, de literatura, ciências, etc., tanto nacionais como estrangeiros

Scholl, Tipografia do Centro, 1927. Por sua vez a Tipografia do Centro estava localizada na Dr. Flores, nº 32 A.

Outra importante livraria era a Livraria Comercial, localizada na Rua Dr. Flores, dedicava-se a encadernação, douração e pautaçaõ. Sob encomenda trabalha com livros comerciais, mas não editava livros.

Com nome semelhante temos a Livraria do Comércio, estabelecimento localizado na Rua dos Andradas nº 346, 348 e 350, era dirigida pela razão social de Souza & Barros. Possuíam oficinas de tipografia, pautaçaõ, encadernação, cartonagem e fábrica de livros em branco e de envelopes⁸.

Na Rua General Vitorino localizava-se o Estabelecimento Tipográfico de Germano Gundlach & Cia, editava o jornal “Neue Deutsche Zeitung”, durante muitos anos editou o famoso Anuário do Rio Grande do Sul⁹, dirigido por Graciano Alves de Azambuja, com a razão social de Gundlach & Cia. Muitos dos livros impressos eram em alemão e francês. Fabricava ainda, circulares, contas, recibos, relatórios, convites, etc. Posteriormente a razão social muda para Kraher & Cia. Mantém uma linha editorial de livros instrutivos, e é importadora, em grande escala, de livros, papéis, artigos para escritório, pianos, brinquedos, objetos de arte e miudezas. A firma é proprietária dum bem montado estabelecimento de pautaçaõ e encadernação. Deu continuidade ao Anuário do Rio Grande do Sul, além de publicar o Koseritz Volkskalender. Na cidade de Cachoeira, mantém uma filial, sob a razão social de Martin Krahe, e na cidade de Pelotas, uma agência a cargo de Hermann Schroeter. ((LLOYD, 1913: 838).

Em 10 de dezembro de 1883, por iniciativa de Laudelino Pinheiro Barcelos e Saturnino Antunes Pinto surge na Rua dos Andradas, nº 268, a Livraria do Globo, seus primeiros anúncios e etiquetas, anunciava o seguinte: “estabelecimento de livros, músicas, papel, miudezas e objetos de escritório”. Nos anos 20, era um dos principais pontos de encontro da intelectualidade porto-alegrense. A razão social dessa editora, primeiro foi L.P. Barcelos & Cia, depois com o ingresso de José Bertaso, passou a denominar-se, Barcelos, Bertaso & Cia.

Abre depois filial em diversas cidades, em Pelotas foi estabelecido inicialmente na Rua XV de Novembro, nº 630. Nesta cidade o “Almanaque de Pelotas”,

⁸ Rio Grande do Sul Sportivo. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1919, p. 68.

⁹ Teve início em 1884 (Anuário da Província do Rio Grande do Sul), em 1899 a razão social passa a ser Gundlach & Krahe, Livreiros; para em 1900, constituir-se apenas Khahe e Cia, sucessores de Gundlach & Krahe.

organizado e dirigido por Florentino Paradedda desde 1913, do ano de 1927 até 1935, último ano publicado, saem sob a chancela da Livraria do Globo.

Pequenas editoras ocupavam às vezes determinados espaços editoriais que não despertavam interesse das grandes editoras, caso, por exemplo, da Livraria Evangélica, que se dedicava principalmente a livros religiosos, mas alguns deles voltados para o ensino, como anunciava um reclame dessa editora: “Publicações da Livraria Evangélica, Livros para meninos com estampas coloridas e vinhetas: As Provações do pequeno Henriquinho; Lindo Alfabeto para crianças mimosas; Meu lindo segundo livro; Minhas lindas histórias (Anuário para 1885: 269).

O eixo Pelotas/Rio Grande

A cidade de Pelotas alicerçada na estrutura charqueadora foi no século XIX um poderoso centro econômico e cultural do Rio Grande do Sul, concomitante com Rio Grande, esse eixo da zona sul, em muitos momentos rivalizou e superou Porto Alegre na pujança e produção editorial.

A primeira grande editora do Rio Grande do Sul estava estabelecida nessa cidade, trata-se da Livraria Americana. Fundada em 1871, seu proprietário foi Carlos Pinto. Nos primeiros anos funcionou no prédio nº 603 na Rua Andrades Neves, posteriormente passa a funcionar na Rua XV de Novembro. Em 1879, abre uma filial na cidade de Porto Alegre, e finalmente em 1885, inaugura a segunda filial agora em Rio Grande. Encerrou as suas atividades em 1916.

Das suas oficinas tipográficas vieram a lume muitas obras de autores nacionais e estrangeiros, muitos traduzidos ou pirateados de forma ilícita. Uma grande obra editada por essa editora foi o “Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul”, publicado de 1889 até 1917. Esse prestativo almanaque foi dirigido e organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues.

Diversas obras de caráter didático foram editadas, salientando-se: Compendio de Gramática Portuguesa e lições progressivas de composição (Primeiro Curso), 2ª edição, 1881 (138 p.); Geografia da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, 1881; Terceiro Livro de Leitura (Lições no lar). 7ª edição, Quarto Livro de Leitura, 7ª edição, 1884 (337 p.); Gramática elementar e lições progressivas de composição, 4ª edição, 1883, todos de Hilário Ribeiro; Compêndio de Gramática Portuguesa, 2ª edição, 1883; Seleta Nacional: trechos escolhidos de autores brasileiros,

1883, ambos de Frederico Ernesto Estrela de Villeroy; Curso Elementar de Aritmética (Primeira Parte. Aritmética para as Escolas), 3ª edição, 1884, de Demétrio Nunes Ribeiro; Prova Oral de Francês: fables de La Fontaine e Histoire de Charles XII, 1883, Exercícios Graduados de Análise colecionados dos melhores autores, 3ª edição, 1886 (183 p.), de João Afonso Correa de Almeida; Nova Gramática Portuguesa, 1885, de Bento José d'Oliveira; Primeiro e Segundo livro de Gramática, 4ª edição, 1885, de Luiz Kraemer Walter; O Rio Grande do Sul para as escolas, 1896 (100 p.), 2ª edição em 1899 (131 p.) de João Pinto Guimarães; História do Rio Grande do Sul para uso das escolas públicas do Estado, 1911, pela filial de Porto Alegre, de Stella Dantas de Gusmão; História do Rio Grande do Sul para o ensino, 2ª edição, 1900, pela filial de Porto Alegre, de João Maia;

Outra importante casa editorial foi a Livraria Universal. Publicou diversas obras, tanto de autores nacionais, como estrangeiros. Funcionava na Rua XV de Novembro, esquina da 7 de Setembro, num belíssimo prédio. Foi fundada em 1887, pelos irmãos Carlos e Guilherme Echenique. No ano de 1917, adquire os direitos comerciais da antiga Livraria Americana de Carlos Pinto & Cia, ampliando sobremaneira o seu catálogo de obras. Também editou um almanaque, dirigido por Alberto Ferreira Rodrigues, irmão do conhecido Alfredo Ferreira Rodrigues, o “Almanaque Popular Brasileiro” foi editado de 1894 até 1908. Assim como a sua concorrente, a Livraria Americana, a Universal abriu filiais tanto em Porto Alegre, como em Rio Grande. Entre os livros didáticos, podemos apontar: Lições de Análise Gramatical, Porto Alegre: Tipografia de Echenique Irmãos & Cia, 1903, de Aquiles Porto Alegre; *Coração*, Pelotas: Livraria Universal de Echenique Irmãos & Cia, 1907, de Edmundo de Amicis; Acabou encerrando suas atividades em 1929.

Temos ainda a Livraria Comercial localizada na Rua Andrades Neves, nº 604, 606, 608. Sua razão social era Souza Lima & Meira. A empresa foi criada em Pelotas pelo ano de 1885, e no ano de 1900, Francisco Meira torna-se seu único proprietário. Editou diversas obras, muitas de caráter religioso, tais como: *Primeiro Lustrro da Diocese de Pelotas* (1911-1916), Meira & C., Off. da Livraria Comercial, Pelotas; *Terezinha do menino Jesus: sua vida, seu espírito (Devocionário)*, Pelotas: Livraria Comercial, 1924; Elementos de Botânica coordenados pelo Dr. Francisco J. R. de Araújo professor de história natural no Ginásio Pelotense e no Liceu Rio-Grandense de Agronomia, Livraria Comercial de Francisco Meira, 1905; *Livre de Lectures pour la première année avec des explications en portugais et un supplément d'une grammaire*

française par G.G.¹⁰ ., Pelotas: Livraria Comercial, 1921, com 2ª edição ampliada em 1923. Em anúncio no *Álbum de Pelotas*, editado em 1922, consta: “especialidade em livros em branco, cadernos, cadernetas, livros para borradores, costaneiras [...] empregamos material de primeira ordem e o maior cuidado na fabricação”. Essa casa editorial possuía filial em Rio Grande, Rua Marechal Floriano, nº 217.

Considerações finais

No final do século XIX, com o processo de abolição do trabalho escravo, com novas relações salariais, e a incrementação da imigração europeia para estas regiões, o aparelhamento dos portos, o estabelecimento de linhas férreas, a dinamização das relações comerciais entre Porto Alegre e a zona colonial, e do eixo Pelotas e Rio Grande, oportunizaram um desenvolvimento industrial e cultural desses dois polos.

A administração positivista (governo de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros) no Rio Grande do Sul procurou alavancar o desenvolvimento do Estado. Essa preocupação é constante nos diversos relatórios: “o problema do Rio Grande cifra-se no transporte fácil, rápido e barato. Tenhamo-lo e estará assegurada a nossa grandeza econômica”¹¹.

Em 1907, o Rio Grande do Sul aparece como o terceiro centro industrial do Brasil, logo atrás de São Paulo e Rio de Janeiro, com 314 estabelecimentos industriais, no ano de 1920, mantém a mesma posição, mas agora, com 1773 estabelecimentos industriais.

Nas primeiras décadas do século XX, dois polos industriais salientavam-se dentro do contexto sul-rio-grandense, Porto Alegre, com um número expressivo de indústrias pequenas e médias empresas, e o eixo Pelotas-Rio Grande, com indústrias de médio e grande porte. Foi essa pujança que possibilitou o florescimento e desenvolvimento de um parque editorial forte e com condições de competir com as grandes livrarias do centro do Brasil.

Referências bibliográficas

¹⁰ Trata-se de Guilherme Günther S. J.

¹¹ Carlos Barbosa Gonçalves. Mensagem enviada à Assembleia dos representantes do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1911, p.18.

AZEVEDO LIMA, Antonio de. Almanak administrativo, comercial e industrial Rio-Grandense para 1874. Ano II. Porto Alegre: Typ. do Jornal do Comércio, Rua dos Andradas nº 223 a 227, 1875.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

CATALOGO da Livraria Americana (Edições da Livraria Americana e outras de que há sempre grande deposito). Carlos Pinto & Comp. Livreiros-Editores: Pelotas, 1886.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. História da Educação. Pelotas, v. 6, n.11, abril 2002, [05-24].

COSTA, Alfredo Rodrigues da. (Org.). O Rio Grande do Sul: completo estudo sobre o Estado. 2 volumes. Porto Alegre: Globo, 1922.

DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOUVÊA, Paulo de. O grupo, outras figuras, outras passagens. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1976.

HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil: sua história. São Paulo: TAO/EDUSP, 1985.

KIDDER, D. P.; FLETCHER, J. C. O Brasil e os brasileiros. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

LLOYD, Reginald. Impressões do Brazil no século vinte. Sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing Company Ltd, 1913.

MACEDO, Joaquim Manoel de. Memórias da Rua do Ouvidor. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1878.

MEYER, Augusto. Segredos da Infância; No Tempo da Flor. Porto Alegre: Editora da Universidade/IEL, 1996.

MONTE DOMECCQ. O Estado do Rio Grande do Sul. Barcelona:Estabelecimento Graphico Thomas, 1916.

NUNES, Joaquim Ferreira. Almanak Pelotense para o anno de 1862. Anno I. Pelotas: Typ. do Commercio, 1861.

PIMENTEL, Fortunato. Aspectos Gerais de Porto Alegre. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 2 volumes, 1945.

PORTO ALEGRE, Aquiles. Jardim de Saudades. Porto Alegre: Officinas Graphicas Wiedemann & Cia, 1921.

REBOLI, TIO & C. Empreza de Guias Ilustradas. Anno 1898-1899. Secção Rio Grande do Sul. Montevideo, 1899.